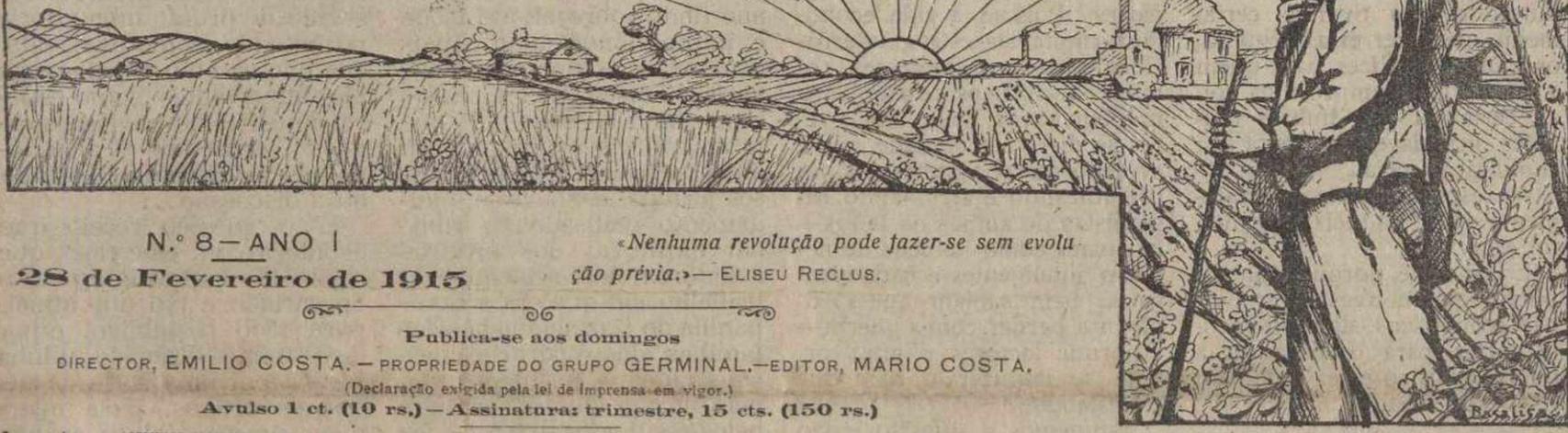


Germinal



N.º 8 — ANO I

28 de Fevereiro de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.» — ELISEU RECLUS.

Publica-se aos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL. — EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de Imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.) — Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Documentos políticos

Tem causado uma certa sensação a publicação dos *Documentos Politicos*, coleção de cartas dirigidas ao rei D. Manuel por varios homens publicos de marca da Monarquia.

São interessantes as cartas publicadas? São, porque se trata de uma coisa que tem sempre interesse: de documentos para historia. Sob este ponto de vista, quantos mais documentos melhor porque, por insignificante que um documento pareça, deve sempre aproveitar-se pois é muitas vezes nele que se encontra a explicação ou o fio conductor num caso obscuro. Para nós todos, os contemporaneos desses homens e dos acontecimentos a que eles andaram ligados, o interesse dos documentos, forçoso é dizê-lo, não é muito grande, a não ser para os que encontram muito prazer nas minudencias da politica partidaria, porque por essa politica se apaixonam. A verdade é que aquelas cartas pouco ou nada nos vêm dizer de novo, não sendo senão a confirmação do que já todos sabiamos: que os governantes eram patriotas, liberaes e estadistas de pacotilha, nada querendo saber do que realmente podia interessar ao paiz, tendo apenas intelligencia e actividade para as lutas dos partidos, para a satisfação de interesses ou vaidades pessoas. Mas tudo aquilo se sabia, porque eles proprios o vinham dizendo uns dos outros, havia muito tempo. Tal qual está succedendo agora, na vigencia da Republica...

Com as cartas onde se trata de socialismo e operariado, verifica-se que se trabalhou para fazer do socialismo ou dos socialistas um instrumento de defeza da Monarquia, manifestando-se ao mesmo tempo, não sabemos por-

quê, uma grande antipatia para com os sindicalistas e anarquistas.

Uma coisa ha que resulta da leitura de todos aqueles documentos: é que quanto mais se conhecem os politicos, mais evidente apparece a necessidade de o povo se afastar deles, porque eles nada produzem de bom: ou tiranisam ou corrompem ou iludem. A nosso ver é este, para a actualidade, o melhor serviço que se prestou com a publicação das cartas: forneceu-se mais uma arma aos que combatem a politica de partido... pelo que muito nos felicitamos.

Enigma

Mais um atentado de que ia sendo vitima o sr. Afonso Costa. Com este são... não sabemos já quantos. Como Afonso XIII, sae sempre ileso, felizmente para ele. Para Afonso XIII ha, como é sabido, uma explicação que já ninguém põe em duvida: Don Alfonso é protegido pela Virgem. Mas isso não se pode dar com o sr. Afonso Costa. Eis uma explicação a encontrar, que muito deve interessar os amadores de enigmas.

Acção directa

Dizem os jornaes que se produziram conflictos numa localidade ás portas de Berlim. Durante uma venda de batatas baratas, realisada pela municipalidade ás mulheres de soldados, milhares doutras e de creanças esperavam, debaixo de chuva, a sua vez, quando veio um empregado anunciar que só seriam servidas as mulheres que tivessem pago as suas contribuições. Voltando com os respectivos recibos, folhas dito que nada receberiam, as que não tivessem um certo cartão passado pelas autoridades. A multidão furiosa cahiu sobre os empregados e pôz a saque o edificio municipal.

Os anarquistas e a guerra europêa^(*)

Creio estarem em erro os que não veem nesta guerra, nada mais do que o resultado de rivalidades economicas.

Se os mais simples phenomenos sociaes são produtos de causas varias combinadas, como se pode reduzir este conflicto, um dos maiores que o mundo tem conhecido, a uma briga, em ponto grande, entre capitalistas e politicos, a uma pura rivalidade comercial entre a Inglaterra e a Alemanha?

Não; a questão é muito mais complexa e o que está em jogo é mais alguma coisa do que mercados a ganhar ou a perder.

Se assim não fosse, creio que esta guerra não teria estalado, porque não merecia a pena fazê-la; ninguém ganhava com isso.

Com a propaganda anticapitalista que se fez, deixámo-nos naturalmente levar pela necessidade de demonstrarmos o que diziamos; e pouco a pouco, succedeu perdêr-se de vista a complexidade da questão social, desdenharem-se outros factores alem do economico e reduzir-se tudo a uma questão de «deve e haver» nacional e internacional.

Permita o leitor que eu exponha o meu caso. Não sendo dos que mais desdenham dos factores não economicos, perdi-os com tudo de vista o suficiente para me enganar sobre a guerra europeia. Pela tendencia referida a ver sempre as rivalidades economicas do-

(*) No artigo anterior ha uma passagem que se presta a confusões, por deficiente. Onde se lê: «Que me importa colaborar com o Estado», deve ler-se: «Que me importa colaborar com um adversario, mesmo o Estado». Como lá está, pode tudo o mais que se segue ser mal comprehendido, por obscuro.

minando na politica internacional, eu estava convencido de que estas se liquidariam entre as nações fortes á custa dos povos fracos, sem se recorrer ás armas, visto que a guerra, era economicamente um desastre para todos. E por isso, em contrario de quasi toda a gente, nunca julguei que a guerra estalasse.

Transcrevo, em apoio, as seguintes palavras dum folheto que ha pouco mais dum ano publiquei, onde tratava da integridade das colonias portuguezas:

«Por muito grande que seja a ambição dos financeiros e dos politicos, para os quaes a guerra é uma fonte de receita e satisfação de vaidades, difficilmente a guerra será declarada entre as chamadas grandes potencias. E' fóra de duvida que estas nações, que dispõem da paz do mundo, se mostram de dia para dia mais decididas a evitar, custe o que custar, a terrivel conflagração.

O tremendo desastre que esta guerra seria para todos, para vencidos e vencedores, apparece cada dia com mais nitidez aos olhos de toda a gente, fazendo reflectir os mais militaristas e os mais ambiciosos.

Por vezes parece estar-se ou está-se realmente a dois passos da guerra; mas o espectro das suas consequencias apparece e a paz mantem-se. «Tudo menos a guerra», é já talvez uma fórmula tacitamente reconhecida, que será, dentro de pouco tempo ostensivamente proclamada; e tudo se fará para a evitar, porque se terá reconhecido que qualquer outra solução, mesmo aos olhos dos mais ambiciosos e dos menos sensiveis, lhe é preferivel.»

A dar razão a estas palavras havia os factos e havia as palavras de economistas entre os quaes apparecia Norman Angell expondo admiravelmente a inutilidade da guerra para qualquer dos combatentes.

Nestas condições não acreditava no conflicto, tanto mais que sabia que para muitos industriaes e financeiros convinha mais a paz armada do que a guerra.

Enganava-me como se vê;

e passada a comoção da surpresa e a confusão naturalmente produzida no espirito com o rebenatar da conflagração, perguntei a mim proprio porque me enganara. Não ficaram confundidos nem tiveram certeza que fazer esta pergunta, os inumeros felizes para quem a guerra fôra sempre uma coisa certa ou que tinham opiniões inabalaveis sobre a sua significação social.

A resposta — não immediatamente dada! — áquella pergunta, foi esta:

Enganei-me porque não supunha que houvesse motivos não economicos, suficientemente fortes para desencadear a guerra, pois só estes a podiam ter desencadeado.

As rivalidades economicas mais fortes, eram entre a Alemanha e a Inglaterra. Pois quanto mais se estuda a questão, mais nos convencemos de que nem a alemães nem a ingleses convinha economicamente a guerra. Não quer isto dizer que os ingleses vissem com indiferença os grandes progressos economicos dos alemães, que não procurassem fazer-lhes face, e que para isso não empregassem todos os recursos e manhas diplomaticas. Essa é a parte economica do conflicto e que ninguem de são juizo pode pôr de lado, assim como ninguem pode esquecer, é claro, que a causa fundamental da conflagração está na actual organização social, na desigualdade economica. Mas essa causa está em todos os conflictos sociaes, nas guerras e nas revoluções, nos protestos entre as nações e entre os partidos; está contida declarada ou tacitamente em todas as questões colectivas nacionaes ou internacionaes. *Sob este ponto de vista*, todos os conflictos se equivalem, e tão conflicto economico é uma revolução como uma guerra.

Mas se á Inglaterra não era indiferente a expansão economica alemã — nem outra qualquer — isso não significa que ela fosse até á guerra para a entrar, porque o remedio seria peor do que a doença. De resto, os factos demonstram que assim se pensava na Inglaterra.

Aos alemães ainda menos a guerra convinha. Para quê, a guerra? Pois era possivel que ela desse á Alemanha mais prosperidade economica do que a realisada nos ultimos quarenta anos? O interesse dos alemães seria *continuar* como até agora, visto os assombrosos (o termo não é exagerado) resultados obtidos.

Como é que os alemães iam interromper com grande risco de destruir — como está acontecendo — uma situação que se traduzia numa prosperidade que era o assombro de todos e inquietação de muitos? Pois não era este o melhor argumento para eles persistirem em

que se mantivesse este estado de coisas?

Teria desaparecido agora o internacionalismo da finança e da industria, que fazia solidarios os capitalistas de todos os paizes? Pois se a vida economico-capitalista estava internacionalizada em interesses comuns e reciprocos, se o dinheiro não tem patria, como tantas vezes se disse e é verdade, não é evidente que se a guerra estalou, prejudicando e arruinando capitalistas de ambos os lados — os quaes como homens de negocio inteligentes e nada idealistas, bem sabiam que só tinham a perder com a guerra — é porque factores d'outra ordem se impuzeram para que ela estalasse?

Estudemos a questão e não nos iludamos; se se tratasse apenas de mercados, alemães e ingleses ter-se-iam entendido, quer por concessões reciprocas quer á custa dos fracos, como varias vezes tem sucedido. O que determinou esta guerra, *contraria aos interesses economicos da burguezia capitalista*, foi a necessidade de firmar, na Alemanha, os privilegios das classes dominantes combinados com o espirito de conquista da sua casta militar.

(Continua)

Emilio Costa.

Reunião sindicalista

Na reunião realisada na ultima segunda-feira, tratou-se da publicação do *Sindicalista*, discutindo-se os meios a empregar para que essa se faça o mais cedo e nas melhores condições possiveis. Não se tratou da *Liga* (proposta apresentada na primeira reunião) por não estar presente o seu proponente. Marcou-se nova reunião para segunda-feira, 1, na qual se devem debater assuntos que muito interessam, pelo que será conveniente que ninguem falte.

Contra a carestia

No dia 7 houve na Povoia de Varzim um comicio em que foi aprovada uma moção que termina pelas seguintes palavras:

O povo de Povoia e Vila do Conde, reunido em comicio publico resolve:

1.º — Protestar contra a ganancia dos capitalistas, senhorios e açambarcadores, e bradar em toda a parte: «Pão e Trabalho».

2.º — Se alguém for preso por protestar contra a carestia da vida ou porque, tendo fome, vá buscar que comer a qualquer parte onde o haja, a comissão local deve imediatamente reclamar a sua soltura; mas, se a autoridade a mantiver, a comissão deve convocar imediatamente um comicio publico para deliberar o que se tiver de fazer.

3.º — Quando qualquer individuo for preso pelo que fica dito, todos nós devemos alimentar a sua familia como dever de solidariedade.

4.º — Caso a autoridade exerça a violencia contra quem quer que seja sobre este motivo, em qualquer parte do paiz, tentaremos por todos os meios reagir indo até, se for preciso, á greve geral em todo o paiz, em sinal de protesto contra a fome.

5.º — Participar estas resoluções aos jornais operarios e ás comissões de carestia da vida e falta de trabalho, de Portugal.

Accidentes no trabalho

I

A explosão da Companhia do Gaz, que em outubro do ano findo sobresaltou Lisboa e impressionou todo o país com os seus horrores, teve varias consequencias. Entre elas, como se sabe pela imprensa diaria e por uma ou outra pequena nota dos nossos jornais, destaca-se o julgamento realisado no tribunal especial dos arbitros avindoros dos accidentes do trabalho em que era a Companhia do Gaz acionada pelas familias dos operarios nela sinistrados. Esse julgamento, pela forma como correu e pelos resultados que teve, fez convergir as atenções de muita gente sobre a lei dos accidentes no trabalho, sobre as suas qualidades e sobre os seus defeitos, quer no que respeita ao espirito que a ela presidiu, quer no que se refere á forma que tomou, á maneira como se encontra redigida.

O autor do projecto veiu á estacada em defeza da sua dama, realisando uma conferencia em que largamente historiou a difficil travessia que esse projecto teve aavez das duas casas de S. Bento até se transformar em lei, e em que nos disse dos fins que houvera em vista ao introduzir nela determinadas disposições e em evitar que outras lá ficassem consignadas. Sobre alguns pontos foi depois contraditado por Campos Lima e por mim — nós dois que, como advogados das familias das victimas, haviamos acompanhado todo o julgamento, estudado e interpretado a lei e os regulamentos posteriores e tomado pelo caso um verdadeiro interesse. Interesse motivado pelo lado moral e social do caso em questão e pelos efeitos da lei dos accidentes no trabalho, na sua applicação.

Eduardo de Freitas, um operario conhecido no movimento sindicalista e membro do tribunal que julgou os processos intentados contra a Companhia do Gaz, fez tambem uma conferencia expondo o que se havia passado durante as quatro sessões do julgamento, criticando a conferencia do autor do projecto, apresentando as suas opiniões ácerca da eficacia da lei e chamando para ela as atenções e o estudo do principal interessado em que ela se applique e em que se modifique para melhor — o operariado.

*

Ora... é muito costume nosso termos grandes entusiasmos por um assunto qualquer, apaixonarmo-nos por um aspecto da vida, por qual-

quer facto social que nos impressionou, e principiarmos a agitar a opinião em roda d'ele ou a estudá-lo e a discutí-lo com ardor. Depois... depois... como não se conseguiu de pronto uma victoria retumbante, como os resultados não são tão rapidos nem tão importantes como esperavamos, como haviamos *sanhado*, esfriamos e abandonamos a campanha, o estudo ou a discussão...

E' o que eu receio que aconteça com este caso, que repito tão importante para o operariado e tão util afinal, para todo o publico, e por isso venho dizer de minha justiça em uma serie de pequenos artigos, para que a meus proprios olhos eu não possa passar por ter contribuido com o meu silencio e a minha inação para que tudo se esqueça e nada se faça.

O caso tem varios aspectos sociaes: moral, economico, politico, juridico, etc. E os factos, desde a explosão ao julgamento, desde o que se tem dito ao que se escreveu e publicou, dão assunto de sobejo para essas considerações que vou procurar fazer, pela forma que mais possa interessar aos leitores do *Germinal* e mais possa ser util á campanha aturada que, no meu entender, o operariado e o publico não indiferente deveriam levantar.

Continuaremos pois.

Sobral de Campos.

A questão do pão

No dominio passado reuniram-se extraordinariamente os manipuladores de pão, na séde da sua associação de classe, e aprovaram uma extensa moção que termina pelas seguintes conclusões:

Reclamar do governo que as misturas a fazer sejam reduzidas ao minimo, criando-se tambem o menor numero de tipos de pão; que no preço a estabelecer para os novos tipos de pão, sejam os industriais habilitados e obrigados a dar a percentagem de 10 0/0 aos revendedores, visto tal percentagem representar, em Lisboa, o unico salario de mais de dois mil manipuladores de pão; que para a execução desta e de outras reivindicções, seja aggregado á comissão de subsistencias um representante, pelo menos, desta associação; que seja distribuido profusamente um manifesto esclarecendo o publico e demonstrando-lhe que esta classe não é culpada da actual situação, criada pela falta de farinhas, e finalmente que em caso de necessidade, se realize tambem um comicio publico, com o concurso das demais associações para apuramento de responsabilidades.

CANCIONEIRO

A ALMA

A alma não é tal a luz arquidivina
que dentro em nós acende um Deus omnipotente
ao pôr-nos cá no globo ainda incipiente,
depois de nos formar com barro e lama indina.

Tambem não é a substancia eterea, diamantina,
que, depois de no pó o corpo estar jacente,
vae do mundo para mundo e de ente para ente,
até se alfim tornar transcendental, divina!

E' o estomago, o peito, os membros, a cabeça,
é a luz que suave e branda nos aqueça,
é o ridente azul que nosso olhar enleia...

E a verde campina, o pão que se digere,
a agua que se bebe, o raio que nos fere...
a resultante emfim de quanto nos rodeia!

Mauuel Mantua

A PROPOSITO DA GUERRA

Conferencia de neutros — Conferencia de Londres
A fraternidade

Realizou-se em Compenhaque nos dias 17 e 18 de janeiro, uma conferencia de socialistas suecos, noruegueses, dinamarquezes e holandezes, sobre a conflagração europeia. O texto das suas teses resoluções — não sabemos se rigorosamente exacto — encontra-se no ultimo numero do *Combate*, disciplinadamente desacompanhado de todo o comentario. Que valem essas resoluções? Oicamos Ch. Albert:

«Os pontos principais da primeira resolução podem resumir-se assim:

«O capitalismo europeu é a principal causa da guerra actual.

«O dever de todos os partidos socialistas, em todos os países, é trabalhar pelo advento proximo da paz.

«A primeira destas duas proposições tem o ligeiro inconveniente de ser radicalmente falsa. Se a garra do capitalismo se encontra na guerra europeia como em todos os grandes acontecimentos da vida moderna, basta estudar com alguma intelligencia as causas da guerra para reconhecer que elas são, antes de tudo, de ordem politica e nacional. Esta guerra rebentou principalmente porque o partido militar alemão, o partido da força, se suicidaria se não tivesse defendido pela força em face da Europa e em face da Alemanha, a tese da hegemonia alemã.

«Mas é muito mais comodo para os que não se resolvem a tomar contra o imperialismo prussiano uma attitude franca, atirarem tudo para cima de um capitalismo vago, para cima de um capitalismo real, sem duvida, mas em todo o caso imperceptivel e, pela sua propria natureza, impessoal. E' muito mais comodo haver-mo-nos com esse capitalismo do que com os soldados e os policas do *Kaiser*. Fulminar, por uma moção de congresso, o «capitalismo internacional», dispensa-nos tambem de agitar a questão espinhosa de certas responsabilidades. E poupamos desse modo a suscetibilidade dos dirigentes da Social-Democracia alemã, cuja dictadura podia muito bem continuar a pesar sobre a Internacional.

«Os congressistas de Copenhague não podiam dispensar-se de recordar — e recordaram — que os principios dessa Internacional fixados em 1910 num outro congresso, lá mesmo em Copenhague, obrigavam os *eleitos socialistas* «a trabalhar pelo reconhecimento do *livre arbitrio dos povos* e a animar os seus esforços contra as empresas guerreiros e contra a *opressão pela violencia*. Era então o momento

de aprovarem um voto de censura aos *eleitos socialistas* do *Reichstag*, por terem aprovado e secundado com todas as suas forças o esmagamento do pequeno povo servio.

Não protestaram contra os que pretenderam estrangular o direito da Servia á vida nacional, mas — vá lá — protestaram contra «a violação do direito internacional em prejuizo da Belgica»; e, dada a alta prudencia de todas as opiniões emitidas por esses senhores, eles merecem, por semelhante gesto, todas as nossas felicitações.

«No entanto, era muito mais decidido, e sobretudo muito mais correcto, manifestarem-se contra a violação belga, continuando a considerar os belgas como neutros e convidando, nesta intenção, os socialistas belgas para o *Congresso dos neutros*. Isto, porém, não o fizeram os organizadores da conferencia de Copenhague, — o que lhes valeu o protesto do partido operario belga. A Belgica não cessou de ser neutra, porque as hordas do *Kaiser* as sassino, incendiario e ladrão invadiram o seu solo.

«Quanto aos votos emitidos em favor da paz e principalmente quanto a esse vago convite dirigido aos operarios de todos os países a fim de reunirem «os seus esforços para uma paz proxima», o menos que podemos dizer aos neutros de Copenhague é que isso não é da sua conta, e não é da sua conta precisamente porque são neutros, neutros de facto e neutros de *coação*.

«Que esses senhores celebrem platonicamente a paz e se congratulem por não terem tomado parte na grande liquidação, isso é lá com eles. Mas que se permitam dar conselhos, sejam quaes forem, áqueles que, correndo todos os riscos e perigos, são os actores do grande drama, áqueles que, como os revolucionarios conscientes dos países aliados, sabem porque se batem, — isso agora mais devagar. Toda a sugestão de paz, se não se especifica muito nitidamente uma paz destruindo, sem ressurreição possivel, o militarismo prussiano, é uma traição — e, porque somos internacionalista não queremos dizer, bem entendido, uma traição contra a nação francesa, inglesa ou russa, mas uma traição contra a Revolução e contra a Internacional».

E agora vejamos o que dizem os beligerantes.

*

A conferencia realisada em Londres, em que tomaram parte socialistas e representantes de organizações operarias dos países aliados, foi presidida por

Keir Hardie. Entre os quarenta delegados que se reuniram estavam os mais conhecidos nomes, como Vaillant, Marcel Sembat, Vandervelde, Roubanovitch, Jouhaux, Luquet, Merrheim, etc. Foi adoptada por unanimidade, a seguinte resolução:

«A conferencia não pensa em desconhecer as causas gerais e profundas do conflito europeu, producto monstruoso dos antagonismos que dilaceraram a sociedade capitalista e duma politica de colonialismo e imperialismo aggressivos que o socialismo internacional jámais sessou de combater e na qual todos os governos teem uma parte de responsabilidade.

Mas a invasão da Belgica e da França pelos exercitos alemães, ameaça a existencia das nacionalidades e atinge a fé dos tratados.

Nestas condições, a victoria do imperialismo germanico seria a derrota e o esmagamento da democracia e da liberdade na Europa.

Os socialistas de Inglaterra, de França, da Belgica e da Russia, não teem em vista esmagar politica e economicamente a Alemanha. Não fazem a guerra aos povos, mas aos governos que os oprimem. Querem que a Belgica fique livre e indemnizada; querem que a questão da Polonia fique resolvida conforme a vontade do povo polaco, no sentido da autonomia no seio d'outro Estado ou da independencia completa. Querem que em toda a Europa, da Alsacia-Lorena aos Balkans, as populações anexadas pela força recobrem o direito de dispôr livremente de si proprias.

Inflexivelmente decididos a lutar até á victoria para executar esta tarefa de libertação, não estão menos decididos a combater toda a tentativa de transformar esta guerra de defeza em guerra de conquista, que prepararia novos agravos, sugeria os povos mais que nunca, ao duplo flagelo dos armamentos e da guerra.

Convencidos de que se conservaram fieis aos principios da Internacional, emitem a esperanza de que em breve, reconhecendo a identidade dos seus interesses fundamentaes, os proletarios de todos os países encontrar-se-ão unidos contra o militarismo e o imperialismo capitalista.

A victoria dos aliados deve ser a victoria da liderdade dos povos, da unidade, da independencia, da autonomia das nações na federação pacifica dos Estados-Unidos da Europa e do mundo.

Concluida a guerra, os operarios de todos os países industriaes terão o dever de se unir na Internacional, afim de suprimir as diplomacias secretas, de pôr fim á influencia dos interesses do militarismo e dos fabricantes d'armas e tambem o de constituir um organismo internacional capaz de regularisar os desacordos entre as nações, por metodos de conciliação e arbitragem obrigatoria e para impôr a todas as nações a obrigação de manterem a paz.»

Foi tambem aprovado o seguinte protesto:

«A conferencia protesta contra a prisão dos deputados da Duma e contra a supressão dos jornaes e as condenações dos jornalistas russos, assim como contra a opressão dos Finlandezes, dos Judeus e dos Polacos russos e alemães.»

Os delegados Martoff, do partido social democrata russo e Lapinsky, do partido socialista polaco, que não puderam tomar parte na conferencia, declararam que teriam votado contra a resolução aprovada na conferencia, considerando-a *no que ela tem de essencial*, como diametralmente oposta tanto ao sentido das decisões dos congressos socialistas internacionaes como á

opinião da maioria dos socialistas russos e polacos, que se mostraram solidarios com a attitude do grupo social-democrata da Duma.

*

De um artigo de C. Cornélissen:

«Evidentemente, eu julgo que uma educação dos individuos das duas raças, aqui e da banda de lá do Reno, poderá ter no futuro uma influencia salutar, se bem que não me seja dado dizer que a guerra se teria evitado se, nos últimos 50 anos, se tivesse prégado por toda a parte, nas escolas e nas igrejas, assim como nas reuniões publicas, a fraternidade e não o odio.

Mas entendamo-nos. A «fraternidade», como o amor, deve vir dos dois lados, e acima de todo o principio de fraternidade deve estar o direito á defeza da propria existencia e das proprias liberdades! Se a educação dos individuos, — como eu ouvi dizer na Holanda, a anarquistas tolstoianos — levasse a aconselhar aos belgas:

«O que deviam fazer era deixar passar as tropas alemãs, de mãos nas algibeiras!», ou levasse a dizer que os revolucionarios e os sindicatos francezes deviam exclamar á aproximação dos exercitos alemães: «vivam os nossos bons irmãos, os operarios alemães, que ahí vêem de espingarda ao hombro!» — nesse caso, eu pretendo que essa educação era não só uma educação de cobardes, como um crime contra a civilização democratica da Europa ocidental e um esquecimento vergonhoso de tudo o que os nossos antepassados ganharam para nós, em liberdades adquirias em tantas revoluções nobres e ousadas!»

NOTAS LIGEIRAS

Acabo de folhear o numero de outubro, agora publicado, do boletim da Sociedade de Estudos Pedagogicos. Deteve-me a atenção um artigo de Adolfo Lima, intitulado — *A Escola e a guerra*. Como o assunto é de toda a actualidade, um extracto desse artigo substituirá hoje as minhas pobres notas.

«Os partidarios da Escola livre de dogmas religiosos e politicos — escreve o articulista (pouco antes lhe chama, com menos rigor de expressão, a meu ver, «Escola neutra») — entendem que a criança deve ser educada de modo que *saiba, possa e queira* defender a sua dignidade de ser humano, e o ideal — não limitado, exclusivista, egoista, mas sem fronteiras, altruista, humanitario — que o seu cerebro possua convictamente enraizado, a lutar em *todos os campos*, empregando os meios mais de harmonia com as circunstancias e com a consecução desse ideal... Opinam por a criança dever ser educada na valorização das suas aptidões e facultades intellectuais e fisicas, na virilização do seu character, na convicção de ideias previamente raciocinadas, na personalização dum ideal e que, para a realização deste todo, tenha a indispensavel robustez moral, capaz de ir até ao paradoxo de lutar para conseguir a paz, a verdade e a justiça do seu ideal altruista e progressivo.»

E respondendo á pergunta — *qual deve ser a attitude da Escola perante o actual conflito europeu, perante a «grande guerra»?*, diz mais adiante:

«Conforme a idade da criança a que se dirige, a Escola deve mostrar o encaideamento, o determinismo sociologico do conflito. Deve patentear que, sendo principal e aparentemente um conflito politico, elle envolve outros aspectos sociais, quer nas suas causas complexas, quer nos seus resultados futuros... não só no ponto de vista da alteração politica das fronteiras, o que é de relativa importancia, mas sobretudo sob o aspecto da organização economica, ou melhor, social futura.»

Qualquer.

Respigando

Tierra y Libertad de 3-2-915: (*El mundo el revés*).

«Hay entre aquellos quien defiende a tal o cual país porque cree que peligra la civilización? ¿Los individuos civilizados, aquellos que encarnan la más alta expresión del espíritu, seguirán siendo civilizados. Se confunde la civilización con las formas del Estado; se cree generalmente que la República es superior al Imperio. La civilización no es privilegio de ninguna forma de gobierno; la civilización está en los individuos o no está en ninguna parte.»

São do tal Bonafoux, *maestro de los anarquistas*, estas palavras. Ou elle anda na Lua ou é germanofilo por detraz duma sociologia algo avariada.

Veremos o que o «nosso mestre» nos ensina ainda.

*

Da mesma *Tierra*: (*Asi Somos*).

«Da propaganda de Mella e Lorenzo, dizem, hemos sacado la consecuencia de que la verdad es una, y si los anarquistas son poseedores de la verdad, no hay motivo para que un accidente en la historia, por fuerte que el accidente sea, nos haga cambiar nuestro criterio.»

E depois de terem sacado isto, dizem-nos o que são:

«Dogmáticos si, pero no sectarios; porque dogma es un punto de doctrina. Los católicos son dogmáticos, porque la doctrina de la Iglesia la creen revelada por Dios, y no confundiendo el dogmatismo con el sectarismo, nosotros definimos la palabra *dogma*, por proposición que se asienta por firme y cierta, como principio innegable, en alguna ciencia.»

Assim somos, dizem os *discipulos* (!) de Lorenzo, justificando desta forma o seu sagrado horror pelas *desviaciones*. Pouco mais ou menos o mesmo horror que por elas sentia e sente o Vaticano para o qual a verdade também é uma e inabalável... Bem dizia o da *Verbena de la Polonia*: *Las ciencias adelantan, que es una barbaridad!*

*

Espirito pratico:

Duma moção ou declaração dos anarquistas italianos reunidos em Pisa: «Incubem á imprensa anarquista representada na reunião, de promover entendimentos com os camaradas do exterior para a convocação duma reunião internacional, destinada a combinar um plano de ação simultânea e imediata, afim de impedir o alargamento da guerra, impôr a sua cessação e fazer uma nova afirmação de principios internacionalistas»...

Podiam estes camaradas ter ajuntado que a reunião se realisaria no... polo sul. Já lá dizia o outro: *palabras... palabras... palabras!*...

*

Na *Aurora* (21-2-915) em transcrição da *Era Nova* de Paterson:

«Antuerpia é uma preciosa aquisição para a Alemanha, um porto de agressão, como com muita razão lhe chama Kropotkine. Mas selo-á menos Gibraltar em territorio hespanhol e a ilha de Heligoland em mar alemão, cubiçada pela Inglaterra»...

Em mar alemão... é talvez um pouco forte, não só geograficamente mas, e sobretudo, como afirmação feita por um anarquista. E quanto á posse da ilha, é ella tão cubiçada pela Inglaterra que, tendo essa posse, a cedeu não ha muitos anos, á Alemanha.

Isto não é apregoar virtudes inglezas que não existem; é pôr as coisas no seu lugar, porque só assim é que se pode acertar.

Amarus.

Jogatina e Caridade

Como se não fosse bastante o que já havia para explorar e embrutecer os trabalhadores, apareceram ha tempos em Lisboa, uns aparelhos — (roletas automaticas, assim lhes ouvimos chamar) — instaladas em pequenos estabelecimentos, junto á porta da rua, naturalmente para mais tentar e mais facilitar a jogatina ao que se tenta.

Sabemos que é ilegal aquillo; mas também sabemos que nem a policia nem a grande imprensa se importam com a exploração; e ainda sabemos mais: é que a empresa que explora as tais maquinas sugadoras de moedas de cobre, dá uma pequenina parte dos lucros a instituições de socorros — pois se não fosse o vicio o que havia de ser da virtude? — entre as quaes estão: *Associação dos Trabalhadores da Imprensa* (vai esta insurgir-se contra o bemfeitor?) *Patronato da Infancia* e *Albergue das crianças abandonadas*, instituições de iniciativa ou proteção policial. Não sabemos se veem bem...

O que é certo é que as ditas maquinas são um sorvedouro de dinheiro, que ali é deixado, como é facil de verificar, pelos que mal teem para comer, pelos que amanhã, mais na miseria ainda, vão bater á porta das instituições sustentadas com dinheiro que lhes foi arrancado por uma tentação a que não resistiram.

O alcoolismo, a que aludiamos num numero anterior do *Germinal* e a jogatina, são dois dos mais graves problemas que ao operariado consciente compete tratar e resolver. Aos privilegiados convem o proletariado a jogar e a beber, porque enquanto joga ou bebe, não é perigoso e alimenta a instituições de caridade, que é a poeira que se atira aos olhos da mulher ou da filha do operario, a qual agradece, completandose assim a obra: explora-se, embrutece-se e pacifica-se.

Hino á Patria

«Oh, patria, patria franceza, patria dos cantores da eterna revolução! patria da liberdade, porque apesar de todas as servidões, em nenhum logar da terra, nem na Europa nem na America, o espirito que é o homem, é tão livre.

Patria que eu amo com esse amor acumulado que o filho que se faz homem tem por sua mãe, que o pae sente aumentar com os seus filhos.

Ver-te-ei sofrer muito tempo ainda, não por ti só, mas pelo mundo que te paga com inveja e ultrages; sofrer inocente, só porque te não conheces? Desperta, mãe. Os teus príncipes, os teus barões e os teus condes nada podem para a tua salvação, nem os teus prelados saberiam reconfortar-te com as suas bençãos. Guarda, se quizeres, a lembrança dos que algum bem fizeram, vae algumas vezes orar sobre os seus monumentos; mas não lhes procures sucessores. Esses acabaram! Começa a tua nova vida, oh, a primeira entre as imortais! Mostra-te em tua beleza, Venus Urania! Espalha os teus perfumes, flores da humanidade!

E a humanidade será rejuvenescida e a sua unidade criada por ti: porque a unidade do genero humano é a unidade da minha patria, como o espirito do genero humano não é senão o espirito da minha patria.»

Palavras de Derouledé, de M. Barrés, ou outro nacionalista da mesma tèmpera? Não; palavras de Proudhon. Mas um anarquista não pode falar assim! portanto, excomungado Proudhon, passado á categoria, mesmo morto, de ex-anarquista?

O Estado

Que andam na guerra, em França, combatendo contra os alemães, dez irmãos, filhos do mesmo pae e da mesma mãe, naturaes da Vendéa. Os velhotes, em companhia de alguns netos, viram-nos partir sem lagrimas, porque iam defender a Patria, e nem sequer repararam que ficaram na miseria. O Estado, em troca de dez filhos, que podem ser amanhã dez cadaveres, dá-lhes qualquer coisa como cinco tostões por dia, o bastante para morrerem de fome!

(Lucta, 12-2-915).

Corrigindo

A praga das gralhas está sendo insuportável, cá por casa. De mais a mais, junta a uma desordem ortografica de respeito. Nas *Notas ligeiras* do penultimo numero apareceu um «facto», quando era um «pacto», e na do ultimo numero appareceu «a mais dolorosa apreensão» quando era «mais dolorosa a opressão». Também no ultimo numero, no final *Ainda Marx* saiu «meterem» por «mexerem»; e em *A minha carteira* lê-se esta frase inintelligivel: «a forma de espessar fogos ou polenta permite». Deve ler-se: «e só a forma de espessar papas ou polenta permite». Sahu também errada a numeração do ultimo numero: é 7 e não 8 E fiquemos por aqui.

VIDA ASSOCIATIVA

União Anarquista C., R., S. (Lisboa) — Na sua ultima reunião, o *comité* resolveu representar-se em todas as sessões e festas operarias por qualquer dos seus membros e auxiliar o Nucleo J. Libertaria no seu movimento de protesto contra a carestia da vida.

Continuando com as suas sessões de propaganda doutrinária esta União deveria ter realizado uma, na p. p. sexta-feira, na Secção da Construção Civil de Belem, em que falaria, entre outros, os camaradas Manuel Campos, Fernando Gomes, Bernardino Santos, Artur Figueira e Adolfo Nunes.

E' estranhavel que alguns elementos que, quando se constituiu esta União, se prontificaram a concorrer com o seu auxilio moral e material, não tenham dado acordo de si. Também se resolveu fazer a maxima propaganda da caixa de auxilio aos camaradas perseguidos, cujo comité é composto pelos camaradas Antonio Machado, Artur Figueira e Fernando Gomes, em logar de Rosendo Viana, como por lapso aqui se publicou.

Novamente se apela para todos os camaradas afim de enviarem quaesquer donativos para esta caixa de solidariedade.

Endereçar correspondencia para a Travessa Agua de Flôr, 55, 1.º

Comicio publico — O Nucleo *Juventude Libertaria* de Lisboa convida o povo operario a reunir hoje pelas 16 horas, em comicio publico, no Alto dos Sete Moinhos, afim de protestar contra a descarada burla que o povo consumidor vem sofrendo por parte dos açambarcadores dos generos alimenticios e tomar conhecimento dos trabalhos que o mesmo Nucleo, nesse sentido vem realisando.

Que nenhum trabalhador falte!
Que todos juntem o seu protesto.
Povo de Lisboa: Ao comicio.

Com grande concorrência realizou-se no preterito domingo, promovida pelo Nucleo J. Libertaria, mais uma sessão de protesto da série que esta agremiação se propoz levar a efeito, na sede da Associação dos Tintureiros. Falaram os camaradas David Augusto, Carlos Anhão, Artur Figueira, Antonio da Fonseca, Joaquim Gonçalves, Fernando Gomes. Também na ultima quarta-feira promoveu, na Secção da Construção Civil de Belem, nova sessão de protesto, falando entre outros, os camaradas Artur Figueira, Manuel Campos, Adolfo Nunes, Carlos Anhão e Bernardino Santos.

Escola Racionalista «A Florescente» (Lisboa) — Reuniu a comissão, e deliberou abrir a aula no p. dia 1 de março, sendo o seu funcionamento das 20 e meia ás 22 h. por isso os camaradas que a queiram frequentar podem inscrever-se e mais enviar umas circulares ás associações de Lx.ª para nomearem 2 delegados a uma reunião que se efetuará em 11 do p. mez pelas 20 e meia horas, para que as mesmas prestem o seu concurso a esta agremiação escolar, por ser ella creada por operarios e para eles mesmos.

A comissão.

Setubul — Acaba de se fundar um «Centro de Recreio e Propaganda Livre» cujo programa é: pugnar pelo progresso da Humanidade, estando sempre ao lado dos oprimidos pela ação capitalista e estadoal. Fazer propaganda pelo teatro, veladas, pic-nics, tribuna, jornal, folhetos, etc. etc. Propagar o neo-malтусianismo, afim de pôr cõbro ao crescimento da miseria na familia, evitando desta forma o aumento do militarismo e da prostituição. Toda a correspondência deve ser dirigida para a rua Alvaro Casteões, 64-2.º E.

PUBLICAÇÕES

Avante!... — Saiu no dia 14, o n.º 1 d'este quinzenario de Lisboa, orgão do Grupo de Propaganda «Pro Socialismo». Saudamos o nosso adversário.